

JAMES BOWEN

Um presente do **Bob**



Índice

Prólogo	11
1. Patas douradas	23
2. O rapaz do outro lado das cortinas.....	39
3. Bip, bip, bip.....	55
4. Milagre na Upper Street	73
5. Rostos sorridentes	91
6. A festa no escritório	103
7. O fantasma do Natal passado	125
8. Um presente do Bob	145
Agradecimentos	161

Prólogo

Londres, dezembro de 2013



Faltavam ainda algumas semanas para o Natal mas, naquele elegante hotel próximo de Trafalgar Square, a festa estava já muito animada. No salão de baile, enorme e com espelhos a toda à volta, sentia-se o burburinho; seriam certamente mais de duzentas as pessoas que por ali circulavam, conversando e rindo. Um pequeno exército de empregados impecavelmente vestidos percorria o salão segurando tabuleiros com champanhe, vinho e canapés de aspeto apetitoso. O ambiente era festivo.

O almoço de convívio fora organizado por um dos mais importantes editores de Londres e estava repleto de escritores conhecidos. De vez em quando, via um rosto que me parecia familiar, apercebendo-me depois de que o vira já na televisão ou num jornal.

A avaliar pela forma como se cumprimentavam, com

abraços e beijos esfuziantes, muitos dos convidados seriam velhos amigos. Pela minha parte, não conhecia praticamente ninguém.

De algum modo, sentia-me um penetra, como se ali estivesse sem motivo aparente. Mas não era o caso.

Tudo começara com um cartão elegante, com letras douradas em relevo, que me convidava, a mim e a um «acompanhante», e que eu ainda guardava no bolso do meu blusão de couro, onde, aliás, o tencionava guardar como recordação. Além disso, minutos antes, quando já todos os convivas se tinham reunido no salão, a anfitriã da festa tinha agradecido publicamente a alguns dos autores que corajosamente haviam enfrentado o frio para ali marcarem presença. Entre os nomes que referira, encontrava-se o meu. Aliás, o meu e o do meu «acompanhante», para ser mais rigoroso.

– E é um enorme prazer termos connosco James Bowen, acompanhado, evidentemente, do seu fiel parceiro, Bob – dissera, motivando ruidosos aplausos.

Todas as cabeças pareceram voltar-se na minha direção. Se estivessem todos a observar-me, eu ter-me-ia sentido extremamente constrangido, mas felizmente não estavam. Como tantas vezes acontecia naquele tempo, todos os olhares se centravam num ponto algures acima dos meus ombros e no gracioso gato alaranjado que ali estava encavalitado, com o seu ar imperial, qual capitão de um galeão, escrutinando tudo em seu redor. Como sempre.

Não estarei a exagerar se disser que o Bob me salvou. Quando o encontrei, há seis anos, ele era um gato vadio, ferido, deitado no corredor do prédio onde eu vivia, no norte

de Londres. A sua chegada representou um enorme ponto de viragem na minha vida atribulada. Na altura, eu era um heroinómano em recuperação, com dificuldade em concluir um programa de tratamento com metadona. Tinha 28 anos e passara grande parte de uma década a dormir nas ruas e em abrigos ou pequenos apartamentos para pessoas desfavorecidas. Estava sem rumo. Tratar do Bob representou o ímpeto e o incentivo de que eu necessitava para dar um novo rumo à minha vida. Consegui fazê-lo, primeiro atuando na rua e vendendo uma revista de apoio aos sem-abrigo, *The Big Issue*, mas também libertando-me das drogas. O Bob era, sem dúvida, o gato mais inteligente e desembaraçado que eu alguma vez tinha conhecido. O tempo que passámos juntos nas ruas de Londres foi acidentado mas também francamente libertador. A sua presença fazia-me sentir todos os dias que tinha um rumo, um propósito, uma companhia. Que tinha, na verdade, motivos para sorrir.

O seu impacto foi tão significativo que fui convidado a escrever um livro sobre as nossas aventuras em conjunto. À data da publicação, em março de 2012, eu não contava vender, na melhor das hipóteses, mais do que uma centena de exemplares. Em vez disso, para meu grande espanto, o livro tornou-se num êxito de vendas, não apenas no Reino Unido, mas também em todo o mundo.

Vendeu mais de um milhão de exemplares só no nosso país. Desde então, eu escrevi um segundo livro sobre a minha vida nas ruas com o Bob, bem como um livro infantil ilustrado em que imaginava a vida do Bob antes de nos conhecermos. Fora esse êxito que nos tinha assegurado um convite para esta festa em particular.

Após o final dos discursos, a festa ficou ainda mais animada. Os empregados de mesa foram muito gentis com o Bob e trouxeram-me duas tigelas para eu colocar alguma comida e um pouco de leite especial para gatos que levava comigo. O Bob atraía sempre as pessoas e, naquela noite, não foi diferente. Sucediavam-se os convidados que nos abordavam para tirar uma fotografia com o Bob e cumprimentar-nos. Felicitavam-me pelo meu sucesso e questionavam-se sobre os meus planos para o futuro. Pela primeira vez na minha vida, tinha realmente planos para o futuro e partilhava-os com todo o gosto. Sentia-me particularmente orgulhoso do trabalho que começara a desenvolver em prol dos sem-abrigo e de instituições de apoio aos animais. Sentia que estava a retribuir o esforço das pessoas que me tinham proporcionado de algum modo uma tábua de salvação, quando eu verdadeiramente precisara dela. Quando me perguntavam como tencionava passar o Natal, eu respondia que o Bob e eu, juntamente com a minha melhor amiga, a Belle, íamos deliciar-nos com um belo espetáculo no West End e uma ou outra refeição em bons restaurantes.

– Será certamente um Natal bem diferente dos de há alguns anos – disse-me uma senhora.

Limitei-me a sorrir e a anuir com um aceno de cabeça.

– Sim, ligeiramente diferente.

A dada altura, havia uma pequena fila de pessoas muito bem vestidas à espera de conhecer o Bob. Por muito que me esforçasse, nunca me conseguira realmente habituar a tanta atenção, embora esta situação começasse a tornar-se banal. Alguns dias antes desta festa, por exemplo, eu

passara um dia num hotel de Londres a gravar um filme para uma televisão japonesa. Soube mais tarde que, no Japão, alguns atores tinham feito uma reconstituição da minha vida com o Bob, dramatizando a nossa história de forma a integrá-la num programa televisivo. Eu ainda não conseguia assimilar tudo o que estava a acontecer.

Alguns meses antes, estivéramos na ITV, perante milhões de telespectadores, a receber um prémio nos primeiros National Animal Awards transmitidos por uma estação de televisão do Reino Unido. Em muitos aspetos, a minha vida assemelhava-se a um sonho. Fazia, quase diariamente, coisas que nunca julgara possíveis. Estava sempre à espera que o sonho terminasse.

Na verdade, o momento mais inesperado da festa de Natal ocorreu praticamente no seu final. Ao fim de duas horas, os convidados começaram a sair paulatinamente. De qualquer forma, e como o Bob me parecia cansado, preparei-me para sair também. Agachara-me para prender a trela que o Bob usava quando percorríamos as ruas juntos. Nesse momento, apercebi-me de que havia alguém de pé mesmo atrás de mim.

– Tenho estado a pensar em vir ter convosco. Ele importar-se-á que eu lhe faça uma festa rapidamente? – perguntou uma voz feminina.

– Um momento, por favor, estou a ajustar o arnês – respondi, voltando-me e olhando para cima.

Reconheci o rosto imediatamente. Era uma escritora de livros para crianças, Jacqueline Wilson, uma das pessoas importantes do Reino Unido e autora de várias dezenas de clássicos da literatura infantil.

Não sou uma pessoa tímida, mas fiquei sem palavras. Verdadeiramente desconcertado. Julgo ter balbuciado palavras de admiração, aliás muito sinceras, e ter dito que a Belle adorava a sua personagem mais conhecida, *Tracy Beaker*, o que era totalmente verdade.

– Tenho acompanhado a vossa história e penso que o que os dois alcançaram é fantástico – disse ela.

Conversámos informalmente durante mais algum tempo, enquanto ambos saíamos em direção ao átrio do edifício. Foram momentos emocionantes para mim. Sentira-me um estranho, um intruso, mas ela fez-me acreditar que eu pertencia àquele mundo.

Como habitualmente, o Bob usava um dos cachecóis que lhe tinham sido oferecidos pelos seus numerosos admiradores. Quando saímos e nos confrontámos com a escuridão do final de tarde, apertei-o um pouco mais para proteger o Bob do frio.

– Pronto, foi divertido, não foi, amigo? – perguntei, animado pelo facto de a festa ter corrido tão bem.

Como tantas vezes acontecera no passado, as ruas de Londres haveriam rapidamente de me fazer voltar à realidade.

O céu escurecia e soprava um vento cortante vindo de Trafalgar Square, onde se podia ver a tradicional árvore de Natal gigantesca, já iluminada para brilhar durante a noite.

– Anda, Bob, vamos chamar um táxi – disse eu, encaminhando-me para a praça.

Essa era outra mudança que me parecia por vezes irreal. A ideia de apanhar um táxi seria impensável não muito tempo antes. Por vezes, mal conseguia pagar a viagem de autocarro. Mesmo depois do sucesso, recorria a táxis

poucas vezes. Sentia sempre a consciência pesada por gastar tanto dinheiro, mesmo quando, como naquela ocasião, se justificava fazê-lo. O dia fora agitado, o Bob mostrava sinais de cansaço e tínhamos encontro marcado com a Belle junto a Oxford Circus.

A rua continuava movimentada, com muitos clientes à volta das lojas e muitas pessoas que começavam a regressar a casa. Era difícil encontrar um táxi com a luz amarela ligada. Acabara de fazer sinal, pela enésima vez, a um táxi quando avistei o meu bem-conhecido colete vermelho de vendedor da *The Big Issue* numa esquina.

Reconheci de imediato o gorro com pompom, as luvas e o cachecol característicos que o vendedor usava. A The Big Issue Foundation distribuía sempre no inverno um conjunto de acessórios de vestuário pelos vendedores mais antigos de que deles precisassem. Porém, o seu rosto com barba, muito vermelho devido ao vento, era-me desconhecido. O seu cabelo grisalho era comprido e liso. Teria uns cinquenta anos.

Vislumbrei uma pilha considerável de revistas, o que sugeria que acabara de começar o seu turno ou que lhe estava a ser muito difícil vendê-las. A experiência dizia-me que a segunda hipótese era a mais provável.

Percebi também que o frio o afetava bastante. Não conseguia estar parado e batia repetidamente com os pés no chão para manter o sangue a circular. Bafejava insistentemente as mãos para tentar aquecer de alguma forma o seu corpo gelado pelo vento.

Aproximei-me dele e entreguei-lhe uma nota de vinte libras. Não tinha moedas comigo.

– Obrigado, amigo – disse ele, feliz mas um pouco confuso. Não esperava que um tipo desconhecido lhe desse uma quantia tão elevada. Quando me estendeu o troco, limitei-me a abanar a cabeça.

Por momentos, avaliou-nos com atenção. Olhava-nos como se perguntasse «porquê?».

– Ouve, amigo, sei como isso é. Aqui podes apanhar muito frio e esta é uma altura difícil do ano. Aceita o dinheiro, sei que umas libras a mais podem fazer uma grande diferença – disse eu.

Ele não fazia ideia de quem eu era, e isso não me surpreendia. Afinal, eu não era apresentador de televisão nem nada que se parecesse.

Apesar do aparente ceticismo, ele sorriu.

– Acredita, sei mesmo – insisti.

– Tudo bem, eu acredito.

Preparava-me para o deixar quando ele subitamente se agachou.

– Ah, espera um minuto, amigo. Tenho uma coisa para ti – disse, vasculhando a mochila.

O postal de Natal que me entregou tinha no rosto uma imagem da natividade de Cristo. Tê-lo-ia certamente comprado numa loja «dos trezentos» ou em alguma instituição de caridade. No seu interior, lia-se muito simplesmente «Feliz Natal, obrigado pelo apoio, Brian».

– Obrigado – disse eu. – Também espero que possas ter um bom Natal.

Teria ficado a conversar um pouco mais com ele, mas apercebi-me subitamente de que se aproximava um táxi com a luz amarela ligada. O Bob estava a ficar inquieto e eu

tinha mesmo de aproveitar a oportunidade. Assim que abriu a porta, o Bob saltou para dentro do carro, grato pelo ambiente aquecido. Enroscou-se depois no lugar ao lado do meu, preparado para uma merecida soneca.

Quando já nos afastávamos da praça, voltei-me para trás e vi Brian desvanecer-se na noite de Londres. Pouco depois, já não distinguia aquela figura vestida de vermelho e cinzento da confusão de luzes coloridas de Trafalgar Square, mas não conseguia afastar a imagem dele – e do seu gesto simples – da minha mente. Ele desencadeara todo um conjunto de emoções e memórias, algumas comoventes, outras felizes, outras ainda muito dolorosas.

Não muito tempo antes, eu estivera exatamente na mesma situação. Durante mais de uma década, também eu fora um rosto invisível na multidão, dependente da bondade de estranhos. O último Natal que passara a trabalhar a tempo inteiro nas ruas fora o de 2010, apenas três anos antes.

Enquanto o táxi seguia o seu caminho pela cidade em direção a norte, atravessando a Regent Street e as suas garridas montras e decorações de Natal, os meus pensamentos regressaram a esse ano.

A vida nas ruas era uma luta constante, mas aquele Natal tinha sido particularmente duro e exigente. Contudo, se bem me lembrava, fora também um momento em que eu aprendera lições importantes que, enquanto viajava de táxi, me pareceram ainda mais preciosas face à reviravolta inesperada que ocorrera na minha vida. Lições que nunca o dinheiro ou o sucesso me poderiam ter ensinado. E, enquanto me preparava para mais um Natal, desta vez muito diferente, percebi que eram lições que eu nunca mais poderia esquecer.